

## Memória e envelhecimento: uma breve reflexão sobre a função da memória na velhice

MAYKON DOS SANTOS MARINHO\*

### Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer revisão bibliográfica sobre memória e envelhecimento, buscando compreender a função da memória na velhice. A análise dos textos indica que a função social da memória na velhice implica num trabalho de seleção e reconstrução realizada pelo sujeito no presente, delimitado pelas relações sociais em que esteve implicado durante a sua vida. A memória dos velhos é portadora de um conjunto de referências sociais, que favorece e reforça as suas identidades.

**Palavras-chaves:** Memória; Envelhecimento; Identidade.

### Abstract

This article aims to make literature review on memory and aging, trying to understand the function of memory in old age. The analysis of the texts indicates that the social function of memory in old age implies a selection and reconstruction work carried out by the subject at present, bounded by social relations in which he was involved during his lifetime. The memory of old people carries a set of social references, which favors and strengthens their identities.

**Key words:** Memory; Aging; Identity.



\* **MAYKON DOS SANTOS MARINHO** é Enfermeiro, mestrando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Memória, Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB). Bolsista em nível de mestrado acadêmico da CAPES.



### Introdução

Na contemporaneidade, observa-se um movimento de valorização do recurso da memória no campo das ciências humanas, sendo cada vez mais frequente a prática do recolhimento de lembranças por meio de depoimentos (FERNANDES; LOUREIRO, 2009). De acordo com Souza (1999), as lembranças contribuem iminentemente para a sociedade na construção da cultura e no estabelecimento do vínculo do que passou com o que está por vir.

Para Meihy e Hollanda (2013) a palavra memória é, atualmente, uma das mais evocadas em muitas manifestações, seja na área das ciências humanas ou nas falas comuns. Isso tem levado diferentes setores a se posicionar em face das alternativas que ela traduz. Esse movimento de resgatar a memória nas ciências sociais humanas é extremamente importante, pois é do vínculo com o passado que se extrai a força para formação de identidade, principalmente quando se fala da memória-experiência, da memória

vivida nos diferentes tempos da vida (BOSI, 2003).

O estudo da memória envolve um campo transdisciplinar e vasto que se expande para o conceito de testemunho. A natureza singular e subjetiva da memória é um fator inseparável do testemunho (BILA, 2008). Os testemunhos trazem um tipo de conhecimento específico sobre o passado, em especial a experiência vivida, a memória e o esquecimento (LACAPRA, 2005). Para Bila (2008), o testemunho é uma tentativa de recuperar, mostrar e denunciar episódios que marcaram a história e a vida dos sujeitos envolvidos, principalmente os subalternos, permitindo assim, conhecer a versão da história daqueles que não tiveram voz junto à história oficial.

A memória, nesse sentido, permiti o resgate das experiências do passado, daquilo que permaneceu desprezado e silenciado sob o peso das reconstruções historiográficas dominantes, e que tenha sido considerado insignificante por elas.

Yúdice (1992) estabelece que a missão do testemunho é

“desenterrar historias reprimidas por la historia dominante, abandonar el yo burgués para permitir que los testimonialistas hablen por su cuenta, recrear el habla oral y coloquial de los narradores informantes y colaborar en la articulación de la memoria colectiva” (p.207).

**Meu nome é Rigoberta Menchú e assim me nasceu a consciência** (1993)

é o título do livro que traz o testemunho de Rigoberta Menchú, onde se misturam as dimensões individual e coletiva. Burgos (1993) descreve Menchú não somente como uma representante de uma individualidade (a experiência particular) mas como representante de uma coletividade, de alguém que traz a memória séculos de opressão. Rigoberta Menchú, indígena maia-quiché, relata sobre o drama da exploração e extermínio de seu povo e da sua luta para vencer a exclusão social na Guatemala entre as décadas de 1970 e 1980. O seu testemunho reúne temas que abrangem desde a constituição de sua família, crenças, rituais, cerimônias tradicionais dos maias-quiché, como festas comemorativas, nascimento, casamento e morte.

O depoimento de Domitila Barrios de Chungara, transcrito e editado por Viezzer (1994), foi publicado com o título “**Si me permiten hablar**”, e para elas o testemunho ultrapassa a figura individual de Domitila, e assume uma dimensão coletiva, pois se trata do testemunho de um povo: o povo andino boliviano, de cultura indígena, explorado nas plantações e nas minas da Bolívia.

La historia que voy a relatar, no quiero en ningún momento que la interpreten solamente como un problema personal. Porque pienso

que mi vida está relacionada con mi pueblo. Lo que me pasó a mí, le puede haber pasado a cientos de personas en mi país. (...) Por eso digo que no quiero hacer nomás una historia personal. Quiero hablar de mi pueblo. Quiero dejar testimonio de toda la experiencia que hemos adquirido a través de tantos años de lucha en Bolivia, y aportar un granito de arena con la esperanza de que nuestra experiencia sirva de alguna manera para la generación nueva, para la gente nueva (VIEZZER, 1994, p.9).

Os testemunhos de Rigoberta e de Domitila falam da violência vivida pelas comunidades a que pertencem: indígenas guatemaltecos e trabalhadores das minas bolivianas. Falam, portanto de algo que não se abateu apenas sobre suas famílias, mas sobre muitas famílias e muitas comunidades de origem indígena ou camponesa na América Latina. A violência de que falam é apresentada como uma violência que se abateu sobre todo um povo. LaCapra (2005) afirma a existência de traumas fortemente investidos de significado para um determinado grupo ou comunidade, traumas que teriam a função e a capacidade de sustentar uma identidade.

Assim, o testemunho é o resultado da tendência de valorizar a identidade dos grupos subalternos que lutam pelo reconhecimento e a reestruturação econômica e social. Além disso, a construção das memórias vinculadas à agência<sup>1</sup> social e à resistência,

<sup>1</sup> Na sociologia, agência refere-se à capacidade de indivíduos em agirem independentemente e fazerem suas próprias escolhas livremente. A agência de uma pessoa é a sua capacidade ou habilidade de agir de acordo com sua vontade. Essa habilidade é afetada pela estrutura cognitiva de crenças que uma pessoa formou ao longo de sua experiência de vida, e as percepções sustentadas pela sociedade e pelo

especialmente daquela realizada pelos grupos sociais despossuídos, se dá, sobretudo, no âmbito do cotidiano (BILA, 2008). Assim, é justamente nas narrativas do cotidiano, consideradas senso comum, que entramos em contato com o processo de construção da identidade dos sujeitos.

De forma semelhante os testemunhos de Rigoberta Menchú e Domitila Barrios de Chungara, relatam trajetórias de vidas desde a infância até a fase adulta, contando as crenças, costumes, sofrimentos e injustiças. Ambas relatam a infância difícil, o trabalho infantil, a exploração dos trabalhadores e a dura realidade de ter que sobreviver com pouco recurso financeiro. Na fase adulta, Rigoberta se transformou numa ativista social, ao inserir-se numa organização e liderança de movimentos em prol da liberação de trabalhadores oprimidos. Já Domitila tornou-se líder do Comitê de Esposas das Minas Século XX, e seus anos de luta e compromisso lhe garantiram um convite das Nações Unidas para participar da Tribuna do Ano Internacional da Mulher, realizado no México, em 1975. E vivenciando a velhice elas continuaram a luta contra a opressão e reconstruir as histórias de seus povos através de suas memórias.

Desta forma, o objetivo deste artigo é fazer revisão bibliográfica sobre memória e envelhecimento buscando compreender a função social da memória na velhice.

---

indivíduo, das estruturas e circunstâncias do ambiente onde alguém está e a posição onde este indivíduo nasce. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ag%C3%Aancia\\_\(sociologia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ag%C3%Aancia_(sociologia))>. Acesso em: 09 Dez. 2015.

## Memória

“Memória é a capacidade de a mente humana fixar, reter, evocar e reconhecer impressões ou fatos passados” (FERNANDES; LOUREIRO, 2009, p.56). De acordo com Le Goff (2003) memória é vista como a faculdade humana responsável pela conservação do passado, das experiências vividas. Em razão disso, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Para Fernandes e Loureiro (2009) o presente e todas as suas elaborações se tornam possíveis e se realizam em função do passado (aquilo que foi) e do futuro (aquilo que será), uma vez que a dinâmica imposta pela temporalidade determina essa mudança de posições, o passado de hoje é o presente de ontem e o futuro de hoje será o presente de amanhã e o passado de depois de amanhã. Sendo assim, é justamente essa dinâmica que torna necessária e fundamental a função da memória, para garantir que em meio a essa efervescência irrefreável do tempo que transcorre, não se perca a todo instante cada instante vivido (FERNANDES; LOUREIRO, 2009).

Assim, segundo Neves (2000), a memória constitui-se como forma de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda. Portanto, História e memória, por meio de uma inter-relação dinâmica, são suportes das identidades individuais e coletivas. É impossível uma sociedade sem que se acione a memória, sem que ela fertilize cada possibilidade de realização no presente e no futuro (FERNANDES; LOUREIRO, 2009).

Ao se falar em memória, é fundamental definir de qual tipo de memória se trata. Neste sentido, torna-se necessário definir a memória individual, diferenciando-a da grupal; salientando que, uma depende da outra, e uma explica-se pela outra (MEIHY, 2005). A ideia de que a memória individual se consolida e se mantém através das interações no interior dos grupos sociais foi explorada por Halbwachs (2006).

Para Halbwachs (2006), ainda que, o ato de lembrar seja individual, são os grupos sociais pelos quais o indivíduo transitou e transita, que determinam o que é memorável ou não. Haja vista, que memória é uma construção feita no presente que seleciona fatos do passado a partir dos quadros sociais da memória, ou seja, a memória é uma construção coletiva, pois se refere ao indivíduo num dado contexto social. Portanto, a memória individual está ancorada a memória dos grupos que determinam aquilo que será memorável.

Assim, as lembranças são sociais, pois mesmo aquelas que aparentemente possuem um caráter individual, são constituídas pelas memórias dos outros, pois “jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p.30), e isto acontece pelo fato de que as lembranças permanecem coletivas, mesmo quando somente o indivíduo viu ou viveu alguma situação. Dessa maneira, a memória não é um fenômeno meramente individual, pertencente somente à pessoa. A memória individual está ancorada a memória dos grupos, e quanto mais o indivíduo está inserido nos grupos sociais, mais condições terão para recuperar suas memórias, uma vez que ninguém pode lembrar-se de alguma experiência ou acontecimento fora do âmbito da sociedade, pois a evocação de recordações é sempre feita recorrendo

aos outros, ou demais grupos (HALBWACHS, 2006).

Sendo assim, essa inter-relação entre o individual e o social se estende para a constituição do que Halbwachs (2006) denomina de “memória coletiva”. Implicando na dependência entre as lembranças próprias do indivíduo e o contexto social no qual ele está inserido. A memória individual existe a partir de uma memória coletiva, ao mesmo tempo em que a memória coletiva é composta pelas lembranças individuais. É sobre a relação entre o ser individual e o mundo que se organizam as lembranças e os processos que explicam ou não o significado do repertório de lembranças armazenadas.

Para Pollack (1992), a memória é um fenômeno construído social e individualmente. Indubitavelmente existe uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, seja a identidade individual ou a coletiva, pois a memória e a identidade são fatores extremamente importantes do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Dessa maneira, a memória alimenta-se da possibilidade de ser compartilhada, gerando assim, laços identificatórios (MEIHY, 2005). A memória coletiva é, portanto, indissociável da manutenção de um sentimento de identidade que permite identificar um grupo e distingui-lo dos demais (HALBWACHS, 2006). Essa identificação se faz pelo que Halbwachs (2006) chamou de comunidade afetiva. O apego afetivo aos grupos de referência é o que permite e dá coexistência às lembranças.

De acordo com Nascentes (2004), a memória e as lembranças tem um papel fundamental em nossas vidas, elas nos

permitem criar elos e significados ao longo do tempo. É a memória que nos informa o que somos e, portanto, atribui significados para o que somos e nos possibilita imaginar o que seremos. Assim, a memória busca a construção e reconhecimento da identidade do que viveram no passado, fatos que, ao envelhecer, se perdidos o idoso perde sua identidade individual ou coletiva. Não conseguindo lembrar-se de alguns momentos, faz com que o idoso se sinta angustiado, imperfeito e incapaz (COELHO, 2008). Pois, se existe algo de valioso, de precioso e que podemos chamar de patrimônio pessoal ou universal, do qual todos devem zelar e preservar, é a história que estão inscritas nas lembranças, na memória de cada indivíduo.

### Memória e velhice

De acordo com Magalhães (1989) a velhice é vista e tratada de modo diferente, de acordo com períodos históricos e com estrutura social, cultural, econômica e política de cada povo. Para os Azande, povo do Sudão, por exemplo, os idosos teriam maior chance de serem bruxos e, portanto, poderiam ser levados aos tribunais acusados de bruxaria (EVAN-SPRITCHARD, 2005). Já na cultura africana o idoso era visto como uma fonte de sabedoria e, por consequência, digno de atenção redobrada por parte das outras pessoas, visto que todo o aprendizado e experiências já vividos pelo ancião eram ensinados aos mais jovens e às suas famílias, a fim de sustentar a identidade do povo, por meio de tradições, modos de vida e de cultura disseminados na comunidade durante décadas (DIAS, 2014).

Desse modo, o idoso, para algumas culturas, representa a continuidade da história, pois o velho representa o binômio memória/continuidade dos

valores almeçados pelo grupo social. Pode-se afirmar, ainda, que essa adequação não se restringe somente as sociedades indígenas, em que o papel do idoso é de extrema importância para a manutenção e transmissão dos conhecimentos da tribo. É sabido que sociedades milenares da Ásia, como é o caso da Japão, também têm uma relação de extremo respeito aos idosos, chegando aos dias atuais (SANTOS, 2011).

O papel da memória é tradicionalmente valorizado entre os mais velhos, assim como suas lembranças constituem patrimônio coletivo, expresso e revivido permanentemente no contato com as novas gerações, sejam crianças ou adultos. Ao velho e ao antigo cabe, na sociedade tradicional, papéis e padrões comportamentais apoiados no valor da respeitabilidade [...] (MAGALHÃES, 1989).

Partindo para o ocidente Bosi (1998) afirma que na sociedade industrial, a velhice é maléfica, porque nela todo sentimento de continuidade é destruído. Assim, a perda da continuidade é o fato marcante da sociedade moderna capitalista haja vista, que a memória dos idosos não é mais valorizada, tornando-se difícil resgatar a história, crescendo o fosso entre as gerações, as quais vivem separadas, cada qual reunida em torno de atividades que lhe são específicas (FERNANDES; LOUREIRO, 2009). De acordo com Kessel (2004), esse distanciamento entre gerações limita o vínculo entre a experiência vivida por jovens e por idosos e impede que cada um possa ser alimentado pela experiência do outro, além de bloquear a interação e o compartilhamento de lembranças e conhecimentos, reduzindo assim a função social da memória.

De acordo com Bezerra e Lebedeff (2012) percebe-se na sociedade ocidental contemporânea uma exagerada preocupação com o presente e com o futuro e uma espécie de luto em relação ao passado, como um passado perdido. Este modelo de sociedade é marcado pela velocidade e pela fragmentação do tempo a partir de um ritmo industrial centrado na produção. Os idosos encontram-se a meio caminho entre passado e presente sem grandes projeções para o futuro, e quando desconectado da vida familiar e produtiva encontra uma inadequação em relação à sociedade na qual está inserido.

É contraditório pensar que a sociedade contemporânea aprimore seus meios de armazenamento e registros do passado e, contudo, ignore o idoso como potencial arquivo vivo de memórias de um tempo ao qual não temos acesso. O tempo passado, presente na memória de idosos e em seus saberes, é muito pouco acessado na prática. Pode-se sugerir que o idoso, geralmente posto à margem da coletividade, experimente uma sensação de deslocamento temporal, um estar fora do tempo, simbólico. Pois, por estar a ele associada uma série de estigmas de improdutivo e incapaz sente, no seu futuro que se tornou presente, uma desvalorização da sua história e da própria identidade (BEZERRA; LEBDEFF, 2012).

Para Souza (1999), os idosos podem dar uma grande contribuição à sociedade, devido à capacidade de armazenar lembranças e relembrar eventos do passado com mais frequência, visto que o registro de suas histórias de vida é um meio de construir nossa cultura. Considerando essa perspectiva, Bosi (1998), destaca que, há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa

de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: nesse momento de velhice social, resta-lhe, no entanto, uma função própria, que é a de lembrar, a de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. A transmissão do conjunto de valores e significados de uma dada cultura é realizada por intermédio do processo de socialização dos mais velhos para os mais jovens.

Em perspectiva semelhante, Tedesco (2004) defende que a reconstituição da memória é fundamental pelo fato de que a sociedade da informação, da técnica e da racionalidade econômico-consumista faz o tempo passar mais rápido e, com isso, os significados dos objetos são esquecidos mais rapidamente. A memória do idoso, tão pouco valorizada, em nossa sociedade tem, portanto, função imprescindível na compreensão de quem somos e de como fomos forjados e de nossas materialidades e subjetividades. Tedesco (2004) afirma, ainda, que a socialização ocorrida cotidianamente, a partir da comunicação, e a narração como forma artesanal de comunicação, atualizam a memória e possibilitam uma representação da vida das pessoas, ou seja, geram novas imagens a partir do presente.

Segundo Bosi (1998), quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-a para a margem, a lembrança de tempos melhores converte-se num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o idoso alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvintes atentos, ressonância. Ademais, a ideia de um indivíduo

desmemoriado vem sempre associada com a ideia de seu descolamento do mundo dos significados sociais, de sua fragmentação como sujeito em decorrência da perda de sua história pessoal, de sua trajetória social, de suas referências de pertencimento (FERREIRA, 2013).

De acordo com Nascentes (2004), é por meio da memória que percebemos e sentimos a noção de pertencimento e continuidade, assim como, é pela memória que se constroem os significados da vida presente, da vida cotidiana dos indivíduos. E para a construção de um conhecimento cujo informante é o idoso, a memória é a ferramenta, o recurso sem o qual seria impossível constituir uma narrativa consistente e coerente com o sentido de busca da compreensão da existência humana, cuja história se inscreve no tempo, na dinâmica inafastável do presente que se torna pretérito na espera do porvir (NASCENTES, 2004).

Bosi (1998) vê no idoso a função social própria de rememorar, sua imaginação faz longos voos em direção ao passado e com maturidade seleciona aspectos que considera importantes no presente. Na opinião de Bosi (1998), o idoso não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro: a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente, alargando suas margens. Portanto, para os idosos, a prática de recordar pode contribuir para fortalecer ou restituir o senso de identidade e a autoestima. A capacidade de manter o passado vivido, principalmente na presença de um ouvinte solidário, pode ser um dos mecanismos que as pessoas idosas encontram para manter a sua integridade psicológica.

Se, para Bosi (1998), a função social do velho é lembrar e aconselhar, Bobbio

(1997) assume definitivamente esse papel ao fazer recomendações desejáveis na obtenção de um envelhecimento satisfatório: “Concentremo-nos. [...] as recordações não aflorarão se não as formos procurar nos recantos mais distantes da memória [...]. Na rememoração encontramos a nós mesmos e a nossa identidade” (BOBBIO, 1997, p.55).

O mundo dos velhos, de todos os velhos, é de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos. [...]. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante os muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. Encontramos os anos que se perderam no tempo, as brincadeiras de rapaz, os vultos, as vozes os gestos dos companheiros de escola, os lugares, sobretudo aqueles da infância, os mais distantes no tempo e, no entanto, os mais nítidos na memória. Eu poderia descrever passo a passo, pedra a pedra aquela estrada dos campos que percorríamos quando rapazes para chegar a uma herdade um pouco fora de mão (BOBBIO, 1997, p.30-1).

Por fim, é lícito ressaltar que a memória dos idosos não deve ser percebida somente como uma retrospectiva da vida, mas também como a possibilidade da prospecção. É preciso pensar em uma memória prospectiva, voltada ao planejamento, ao futuro, ao que ainda está por vir. Assim, a memória dos idosos além de valorizarem o idoso como detentor de experiência e conhecimento deve, também, impulsionar à percepção de si e da própria história como um percurso que não se finda aqui e agora, mas que

continua no futuro (SANCHES-JUSTO; VASCONCELOS, 2010).

### Considerações finais

A análise dos textos indica que a função social da memória na velhice, implica num trabalho de seleção e reconstrução realizada pelo sujeito no presente, delimitado pelas relações sociais estabelecidas durante a sua vida. A memória dos velhos é portadora de um conjunto de referências sociais, que reforça as suas identidades. Recordar os conteúdos que estão guardados em suas memórias, possibilita reafirmar sua existência e reconhecer a si mesmo através das transformações vividas com a passagem do tempo, além de possibilitar a manutenção da memória coletiva.

Como nos testemunhos de Domitila Barrios e Rigoberta Menchu onde são relatadas histórias de luta de comunidades que buscaram de várias formas resistir contra a opressão e afirmar suas identidades. Assim, ambas reconstróem a história do ponto de vista dos oprimidos, dando visibilidade às vozes silenciadas. Dessa maneira, a memória dos velhos é uma importante ferramenta para afirmação da identidade, principalmente dos grupos subalternizados.

### Referências

BEZERRA, Daniele Borges; LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Velhice, identidade e memória: Diálogos entre saúde e cultura a favor da manutenção de identidades. **Cadernos do Tempo Presente**, n.13, p. 60-70, 2013.

BILA, Mônica Nascimento Santos. **O resgate da memória em hasta no verte Jesús Mio: Hibridismo e Identidade**. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória – de senectude e outros escritos autobiográficos**: Rio de Janeiro, Campus, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

BOSI, Ecléa. **Tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BURGOS, Elizabeth. Meu nome é Rigoberta Menchú e assim nasceu minha consciência. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

COELHO, Thalita Almeida. **O projeto SESC idoso empreender: a intervenção do serviço social na garantia da inclusão social**. Monografia (Serviço Social), Universidade de Santa Catarina, Palhoça, SC, 2008.

DIAS, Maria Aparecida Nascimento. Um olhar sobre a velhice em “sangue da avó manchando a alcatifa” de mia couto. In: V ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E ENSINO, 2014, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize eventos científicos e Editora, 2014.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2005.

FERNANDES, Maria das Graças Melo; LOUREIRO, Lara de Sá Neves. Memória e história oral: a arte de recriar o passado de idosos. **A Terceira Idade**, v.20, n.45, p.53-66, 2009.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Memória e Velhice: do lugar da lembrança. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4ª ed. Rio de Janeiro: FGV. 2013. p. 207-22.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KESSEL, Zilda. Lembrar, contar, compartilhar: a memória como caminho para o diálogo intergeracional. **A Terceira Idade**, v.15, n.30, p.52-63, 2004.

LACAPRA, Dominick. **Escribir la historia, escribir el trauma**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: edições Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola **História Oral: Como fazer, Como pensar**. São Paulo: Contexto, 2013.

NASCENTES, Claudine. Memória, velhice e pesquisa. **A Terceira Idade**, v.15, n.29, p. 68-79, 2004.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **História Oral**, n. 3, p.109-116, 2000.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, p.200-12, 1992.

SANCHES-JUSTO, Joana; VASCONCELOS, Mário Sérgio. Pesquisa em psicologia social com a terceira idade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v.9, n.2, p.168-171. 2010.

SANTOS, Antônio Luís Parlandin. **Educação-Cuidado de si Representações Sociais de Idosos Amazônidas Participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará, Belém, 2011.

SOUZA, Elza Maria de. Reminiscências: o papel social das lembranças. **Gerontologia**, v. 7, n. 2, p. 28-31, 1999.

TEDESCO, João Carlos. **Memória e Cultura: O coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memórias de nonos**. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

VIEZZER, Moema. “Si me permiten hablar...” **Testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia**. 14ª ed. México: Siglo XXI, 1994.

YÚDICE, George. Testimonio y concientización. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**. n.36, p.211-32, 1992.

Recebido em 2015-09-26  
Publicado em 2016-03-13